

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NÓTULA ACERCA DE DOIS MONÓLITOS ROMANOS DE S. JOÃO DAS LAMPAS, CONCELHO DE SINTRA.

FERREIRA, Fernando Bandeira

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

FERREIRA, Fernando Bandeira, Nótula acerca de dois monólitos romanos de S. João das Lampas, Concelho de Sintra. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 399-408.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nótula acerca de dois monólitos romanos de S. João das Lampas (Concelho de Sintra)

PELO DR. FERNANDO BANDEIRA FERREIRA
Vogal da Junta Nacional de Educação

Tendo sido inaugurado há pouco o Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, e encontrando-se integrados, na sua colecção, dois monólitos provenientes da igreja de S. João Baptista de S. João das Lampas, creio não ser fora de propósito publicar um estudo que, em fins de 1952, elaborei acerca dos mesmos para fundamentar um parecer por mim apresentado, em 17 de Dezembro desse ano, à Junta Nacional da Educação.

«Com o título de *Um monumento romano ao abandono*, foi enviado, em 1 de Outubro de 1952, a esta Junta, um manuscrito assinado pelo Sr. Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro, no qual se chamava a atenção para uma «sepultura romana de incineração, de forma prismática octogonal», tendo «em duas faces incrições já mutiladas» bem como para «uma base de estátua romana», existentes «numa igreja» da aldeia de S. João das Lampas (Concelho de Sintra). Devido ao estado de abandono em que esses monumentos se encontravam (últimamente o primeiro servia de pia para fazer o leite de cal empregado na caiação dessa igreja), o Sr. Dr. Luciano Ribeiro pedia, no seu manuscrito, a remoção dos mesmos para um museu.

Encarregado de tratar do assunto, antes de mais procurei averiguar se as peças estavam inéditas. Ao cabo de algumas investigações, encontrei-as publicadas por J. Camarate França, num pequeno artigo

intitulado *Inscrição romana de S. João das Lampas*, incluso nos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (vol. XII, fasc. 3-4, Porto, 1950).

É curioso notar que a primeira não figure no vol. II do *C. I. L.* e que ambas não sejam mencionadas no extenso trabalho de Félix Alves Pereira, intitulado *Por caminhos da Ericeira (Notas Arqueológicas e Etnográficas)*, in *O Arqueólogo Português* (XIX, 324 e sgs.), em que se descreve bastante pormenorizadamente a mesma igreja de S. João das Lampas (v. págs. 333 e sgs. do art. cit.).

Seguidamente, procurei o Sr. Dr. Luciano Ribeiro e com ele falei acerca da «sepultura» e da «base da estátua». Confirmou a identificação dos monumentos por ele descritos com os publicados por Camarate França e informou-me que estava agora convencido de que, no primeiro, existia apenas uma inscrição, a mesma que aquele jovem arqueólogo procurara ler no seu artigo.

Estudando este com toda a atenção, verifiquei o que já suspeitava: que a pedra da inscrição, inicialmente paralelepípedica, fora retalhada, tendo-lhe sido cortadas as arestas laterais, mutilação que originara a forma prismática octogonal que apresenta hoje. Como entusiástico estudante do Paleolítico, que é, Camarate França notou até diferenças de pátina entre as faces primitivas e as originadas pelo corte das arestas.

Depois de falar da cavidade aberta na face superior do monólito, o autor procurou ler a inscrição ou, mais precisamente, o que dela restava. A sua leitura parece-me, contudo, muito discutível, como veremos. Honestamente, porém, C. França publicou uma fotografia aceitável do epitáfio e por ela pode verificar-se, embora com certa dificuldade, a leitura do autor.

Feitos estes estudos preliminares, dirigi-me a S. João das Lampas, na primeira oportunidade, sobretudo por causa da «base de estátua», referida no manuscrito do Sr. Dr. Luciano Ribeiro, e à qual chamarei daqui em diante, apenas «base de mármore».

S. João das Lampas é, pelo menos nesta época, quase inacessível a quem, partindo de Lisboa, a queira visitar, utilizando transportes colectivos. Valeu-me o meu Amigo Sr. Dr. D. Fernando de Almeida, que, sabendo que eu ia ver antiguidades romanas, imediatamente pôs à minha disposição o seu automóvel, prontificando-se a acompanhar-me, pois é grande entusiasta da Arqueologia lusitano-romana e lusitano-germânica.

A nossa visita àquela aldeia do aro sintrense verificou-se no dia 10 de Dezembro de 1952. Pelo Cacém, Sintra e Terrugem, alcançámos rapidamente S. João das Lampas, cuja igreja de S. João Baptista visitámos demoradamente. Na galilé, encontrámos logo os objectivos da nossa excursão: a pedra com a inscrição (fotog. 1) e a base de mármore (fotog. 2).

Aquela tem hoje uma forma prismática octogonal, mas foi inicialmente, como disse C. França, paralelepipedica, medindo, então, as bases cerca de $0,830 \times 0,735$ m. A mutilação teve por fim transformar o monólito numa pia baptismal, para o que abriram também, na face superior, uma grande cavidade em calote quase esférica (1). As faces laterais actuais têm uma altura média de 0,650 m. e de largura respectivamente 0,415, 0,285, 0,340, 0,275, c. 0,410, 0,320, 0,290 e 0,310 m., o que equivale a dizer que a pedra é octogonal irregular. Ela jaz, presentemente, no cotovelo da galilé, encostada à face interna das paredes exteriores desta, sendo, por isso, apenas perfeitamente visíveis cinco das suas faces laterais. Felizmente, a inscrição encontra-se numa delas, que mede 0,650 m. de altura e 0,415 m. de largura. Primitivamente, porém, ela media de largura uns 0,830 m. tendo-lhe o retalhe posterior levado, dum lado, cerca de 0,220 m. e do outro, uns 0,200. Estes pormenores são importantes para as considerações que vão seguir-se. Durante o exame que fiz, tateei as três faces voltadas para as paredes e creio poder afirmar que nelas não existe

(1) Dois eixos perpendiculares da boca da cavidade medem 0,660 e 0,645 m. respectivamente.

outra inscrição. Contudo, a certeza só a teremos quando se retirar a pedra da sua actual posição.

A inscrição possui quatro linhas:

DIS MAN
ORNELIC
L SEVERO A
XX. \ IIH . S

Leitura de Camarate França: «DIS MAN(*ibus*) // (C)ORNELIO // L(*ucio*) SEVERO A(*nnorum*) // XXXII H(*ic*) S(*epulto*)».

Camarate França apresentou esta leitura sem mais qualquer comentário interessante. Não parece ter notado que ela, a ser válida, colocaria a inscrição no número extremamente raro das que apresentam a ordem clássica do nome romano alterada, com o *nomen gentile* (CORNELIVS) antes do *praenomen* (LVCIVS).

Não creio, contudo, que a inscrição de S. João das Lampas possa incluir-se neste grupo. Há que entrar em linha de conta com a mutilação da pedra que atingiu a inscrição mais profundamente do que pensou Camarate França.

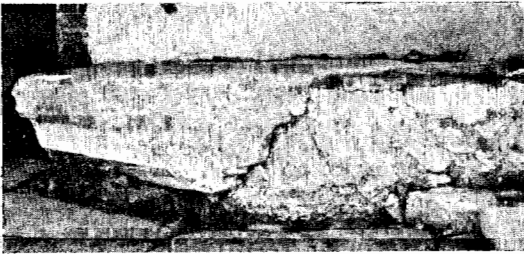
Acerca da primeira linha pouco tenho a dizer: DIS MAN pode estar completo. MAN é abreviatura vulgar de *Manibus*; o terceiro elemento da fórmula, *sacrum*, era muitas vezes omitido ⁽¹⁾. Porém, uma coisa escapou a Camarate França. Enquanto a altura média das restantes letras desta linha é de 0,085 m. o I atinge os 0,110 m. Isto significa que a leitura correcta é não DIS mas DIIS. É vulgar, na Epigrafia Romana, em palavras que

(1) V., por exemplo, as inscrições da área adjacente a S. João das Lampas, publicadas no vol. II do *CIL.*: n.ºs 277 (Morelino), 281 (Janas), etc.

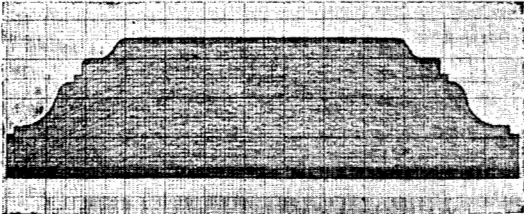
1



2



3



Figuras 1, 2 e 3.

(Fotogr. e desenho do autor)

contêm dois *ii* seguidos, colocar um por cima do outro. É o caso da palavra PATRIIS escrita PATRIS, numa inscrição publicada por Leite de Vasconcellos, in *O Archeologo Português* (vol. VIII, pág. 170). No epitáfio de S. João das Lampas, o lapicida limitou-se, o que aliás também não é raro, a abrir um traço vertical único mas, para mostrar que não era apenas um *i* fê-lo mais alto que as outras letras. Do D desapareceu a haste vertical, e do N resta apenas o primeiro traço vertical e uma parte do travessão. O M está igualmente deteriorado.

A leitura correcta da primeira linha será, pois:

DIIS MAN

«Diis Man(*ibus*)»

Na segunda linha — cujas letras têm a altura média de 0,066 m. — é evidente que ORNELIO se deve ler CORNELIO mas antes deve ter havido uma sigla, abreviatura do *praenomen*, que surge, como a designação indica, antes de qualquer outro elemento do nome romano clássico. Que *praenomen* seria então? É impossível hoje dizê-lo: a julgar pelos que figuram nas inscrições já publicadas da região ao norte de Sintra, talvez *Lucius*, *Marcus* ou *Caius* (1). Mas não importa: o que interessa é chegar à conclusão que, ao início da segunda linha, faltam duas letras e não uma. Veremos a importância do facto para a leitura, que vou apresentar, do resto da inscrição.

Se a linha foi mutilada no início, é muito provável que também o tenha sido no fim, pois os cortes posteriores das arestas da pedra são, como vimos, praticamente simétricos. Que faltaria? Provavelmente outras duas letras. A seguir ao *nomen gentile*, surge, regra geral, a filiação que é, quase sempre, representada justamente por 2 letras: a sigla do *praenomen* do pai do individuo e um F, abrevia-

(1) V., por exemplo, as inscrições n.ºs 267, 276, 277, 281, 300, 301, 303, 304, 305, 312, 323, etc., do II vol. do *C. I. L.*

tura de *filius*. A ser assim, tudo se harmonizaria: a um corte simétrico das arestas, uma mutilação simétrica da segunda linha, com o desaparecimento de duas letras no início e de outras duas no fim.

Teríamos, pois, a seguinte reconstituição desta linha:

[L (?) C] ORNELIO [L (?) F]

cuja leitura, seria, como é óbvio:

«[L(*ucio*) ? C]ornelio [L(*ucii*) ? f(*ilio*)]» (1)

Da terceira linha, lê-se ainda, como vimos:

L SEVERO A (2)

À primeira vista, tratar-se-ia, como pensou Camarate França, de *Lucio Severo*, mas, aceitando o acima exposto, teríamos dois indivíduos, o que se me afigura muito pouco provável, uma vez, que se indica apenas uma idade. Além deste e doutros argumentos, que poderia evocar (e que não creio necessário enumerar), *Severus* foi usado, na região, como *cognomen* e nunca, que se saiba, como *nomen gentile* (3).

Afastada a hipótese, tive de admitir que o L devia ser lido doutra maneira. Como estava redigindo este estudo no edifício da Faculdade de Letras, procurei o Prof. Scarlat Lambrino que opinou que o L devia ser o que restava de GAL, abreviatura de *Galeria*. Faltariam, pois, também duas letras ao início desta terceira linha, o que era perfeitamente admissível dada a posição do L quase debaixo do primeiro O de CORNELIO. Corroborar esta leitura

(1) Acrescentarei que o retalhe atingiu o último O de CORNELIO.

(2) Pareceu-me que o A não tinha barra horizontal e que o S estava incompleto. As letras desta terceira linha, bem como as de quarta, têm uma altura média de 0,060 m.

(3) V. *CIL*, II, inscrições n.ºs 277, 290, etc. Na primeira, achada em Morelino, menciona-se um Q. Atrius *Severus*.

o facto de numerosas inscrições de S. Miguel de Odrinhas, Morelino, Faião e doutras localidades próximas de S. João das Lampas, se referirem a indivíduos desta tribu (1).

A *Seuero*, segue-se um A, evidentemente, como já notara Camarate França, abreviatura de *annorum*. Simplesmente, esta palavra abrevia-se, em geral, em ANN. Faltariam, pois, duas letras no fim da terceira linha, o que condiz com a situação do A por baixo do segundo O de *Cornelio*.

Resumindo, a reconstituição mais provável da terceira linha é:

[GA] L SEVERO A [NN]

Lendo:

«[Ga]l(eria tribu) Seuero a [nn(orun)]»

Da quarta linha

XXX II H • S

pouco há a dizer, pois é natural que esteja completa. Devo, contudo, notar que a leitura XXXII, proposta por Camarate França, é duvidoso, pois a terceira letra é constituída apenas por um traço oblíquo, não podendo garantir-se que se trata dum X mutilado ou dum V meio apagado (2). Entre o H e o S pareceu-me estar um triângulo *distinguente*. Podemos admitir que a mutilação da pedra tenha levado o E, que se seguiria ao S, mas, neste caso, teríamos de aceitar também a falta duma letra antes do XXXII, XXVII ou XXIII, que poderia ser outro X ou, muito menos provavelmente, um L. Todavia, dada a fre-

(1) V. C. I. L. II, inscrições n.ºs 267, 277, 300, 303, 304, 305, 312, 323, etc., etc.

(2) São, portanto, admissíveis as leituras XXVII e até mesmo XXIII. Nesta última hipótese, teríamos um erro do lapicida, que abriria, na pedra, um traço oblíquo em vez dum vertical.

quência do emprego da fórmula H · S em substituição da H · S · E, e entrando em linha de conta com a relativamente curta duração da vida humana na Época Romana, considero perfeitamente aceitável a hipótese de nada faltar à última linha da inscrição.

Em resumo, uma das reconstituições possíveis e certamente a mais provável da inscrição de S. João das Lampas é:

D I S M A N
L C O R N E L I O L F
G A L S E V E R O A N N
X X X I I H · S

ou seja:

«Diis Man (*ibus*) // [L(*ucio*)? · C]ornelio [L(*ucii*)? f(*ilto*)] // [Ga]l(*eria tribu*) Seuro a[nn(*orum*)] // XXXII (?) h(*ic*) s(*ito*)».

É claro — repito — os *praenomina* do morto e do seu pai podem ser outros como outra poderá ser também a idade daquele.

*

Estudada a pedra e o respectivo epitáfio, dirigi a minha atenção para a base de mármore, igualmente descrita em poucas linhas por C. França, no artigo cit. Ela encontra-se também na galilé mas junto da porta lateral da igreja. Está invertida e forma, juntamente com outros materiais a ela unidos com argamassa, um vasto banco (fotog. 2), no qual costumam os aldeãos deixar os seus barretes quando vão à missa (1).

Como a peça anteriormente estudada, é de mármore branco e — *note-se bem* — apresenta um con-

(1) Informação do Rev. Pároco de S. João das Lampas.

torno octogonal. A sua posição inversa não me permitiu estudá-la, medi-la e fotografá-la convenientemente mas, pelo que pude observar, ela apresenta o perfil que esbocei no desenho da fotog. 3.

Também como o monólito da inscrição, não era primitivamente octogonal mas quase quadrada, facto que não escapou a Camarate França, medindo a face inferior (que agora serve de assento) 1,280 m. \times 1,260 m. A face superior, que está hoje rés do solo e tapada em parte com argamassa, tem um lado com cerca de 0,730 m. e, devido às suas dimensões relativamente exíguas, parece não ter sido atingida pelo retalhe, ou te-lo sido muito pouco. Ora bem: se a medida que tomei é exacta, o que não posso garantir, aquela dimensão da face superior da base de mármore aproxima-se muito da do lado mais pequeno da face inferior da pedra que contém a inscrição.

Além disso, em ambos monumentos, de matéria prima idêntica, se verificou um retalhe posterior de características semelhantes. Tudo isto, e ainda o facto deles datarem presumivelmente da mesma época, levam-me a admitir, com C. França, a estreita relação de um com o outro. Eles constituiriam ou fariam parte de um único monumento de grandes dimensões, indubitavelmente funerário e, a julgar pela inscrição, datado do séc. I da E. C. A pedra, em que o epítáfio está exarado, assentaria na face mais pequena da outra. Mas, como muito bem pondera C. França, até que se retire esta última da sua posição actual, tudo são suposições embora defensáveis. O que me parece, por agora, perfeitamente admissível é que, em época mais recente, as duas peças estiveram unidas, uma servindo também de base à outra, transformada em pia baptismal».